

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: 218

Data: 02/07/85 Pg.: _____

Brasília — Foto de José Varella



Daniel Coxini quer voltar para o Araguaia

Chefe de gabinete da Funai se demite por falta de poder

Brasília — Apenas há quatro meses na chefia de gabinete da Funai, Daniel Coxini pediu demissão do cargo por “absoluta falta de condições de trabalho”. Afirmou que não existe orçamento para dar assistência médica e fazer demarcação de terras, pontos básicos de atendimento à população indígena. “A caixa está a zero e eu não engano os índios. Eles reivindicam e eu digo: Não tem dinheiro para nada, só para os salários dos funcionários. Ficar dizendo que vai resolver, sem poder, é conversa de branco”.

Com segundo grau completo, Daniel Coxini pretende voltar para o Parque Indígena do Araguaia, onde era diretor, de onde veio para substituir Marcos Terena, atualmente assessor de assuntos de cultura indígena, no Ministério da Cultura. Coxini se demitiu também em protesto contra o que chama de “massacre” dos índios apinajés na delegacia policial de Tocantinópolis, onde foi morto um e três ficaram feridos a bala de fuzis e revólveres do Delegado Sebastião Lima e seus soldados.

O episódio de Tocantinópolis foi a gota d’água para convencer Coxini de que seu cargo é de “enfeite”. Enquanto o delegado da Funai em Araguaia, Fernando Esquiavini pedia providências a Brasília para soltar os nove apinajés presos em Tocantinópolis, Coxini se via impossibilitado de tomar qualquer atitude. “Descobri que não tenho nenhum poder de decisão, nem meios para qualquer emergência”.

Em Tocantinópolis, depois de passarem dois dias presos, os apinajés foram soltos por habeas-corpus impetrado por uma advogada contratada por Fernando Esquiavini. Um dos índios, Romão, com cerca de 50 anos, corre risco de perder a perna por gangrena, porque ficou com uma bala alojada no pé sem qualquer atendimento médico. Vicente, atingido na barriga e na cabeça, permanece no hospital em estado de coma.

De acordo com Esquiavini, a tragédia começou com a prisão de dois índios que estavam agredindo um fazendeiro, num bar de Tocantinópolis. O delegado Lima mandou prendê-los e espancá-los. Da aldeia apinajé, que fica a 30 quilômetros do local, enviou um grupo onde a maioria era de índios velhos, em sinal de apaziguamento, que, além de levarem comida para os presos, pretendiam dialogar com os policiais.

Na delegacia, um velho foi agredido, fazendo com que um jovem apinajé (o único com borduna) desse uma bordunada no agressor. Foi o bastante para o delegado chegar com dois soldados atirando dentro da delegacia.